

ESTÉTICAS AFRICANAS EM CENA: TRANÇAS, TURBANTES E MODOS DE SER COMO EXPRESSÕES DE IDENTIDADES AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS

Segunda João Quiente¹
Suacilene Gecica Sambu²
Waita Sanca³
Carolina Maria Costa Bernardo⁴

RESUMO

Este presente trabalho trata-se das ações do projeto de extensão “Estéticas africanas em cena: tranças, turbantes e modos de ser como expressões de identidades africanas e afro-brasileiras”, vinculado às comemorações dos dez anos do projeto Vozes d’África da UNILAB. Com execução contínua ao longo de 2026. Objetivou-se em analisar e valorizar as estéticas afrodescendentes, com ênfase em tranças, turbantes e adornos corporais, compreendendo-as como expressões de resistência, memória e ancestralidade. O conceito de estética negra é compreendido para além do campo do belo, como território de disputa simbólica, política e identitária. No contexto africano, tranças, turbantes e adornos corporais atuam como marcas de pertencimento étnico, expressão religiosa e comunicação intergeracional. A metodologia adotada foi participativa, qualitativa e extensionista, articulando ensino, pesquisa e extensão. As atividades foram organizadas em oficinas práticas de 20h, por oficina, palestras teóricas com docentes convidados, vivências corporais e apresentações artísticas, conduzidas por monitores e estudantes vinculados ao projeto. Exigiu-se frequência mínima de 75%. Na etapa de multiplicação, os estudantes atuaram em escolas públicas do Maciço de Baturité, nos municípios de Redenção, Acarape e Aracoiaba, com público estimado de 363 participantes entre estudantes Brasileiros, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Angola, Moçambique, São Tomé-Príncipe, Cabo-Verde, docentes, técnicos e comunidade escolar. Os resultados parciais indicam o fortalecimento do pertencimento cultural, a reconstrução da autoestima e da memória coletiva, e o reconhecimento do corpo negro como território de produção de conhecimento. Observou-se que tranças, turbantes ultrapassam a dimensão do entretenimento, atuando como instrumentos de educação, comunicação e valorização da diversidade cultural a partir da criação de espaços de interculturalidade. Conclui-se que a extensão universitária contribui para uma educação construção de uma educação decolonial e antirracista, aproximando saberes da acadêmicos e saberes tradicionais transmitidos pela oralidade e da corporeidade.

Palavras-chave: Estéticas negras; Tranças; Turbantes; Identidade.

UNILAB, Auroras, Discente, fofaseunda@gmail.com¹

UNILAB, Auroras, Discente, sambusuacilene@gmail.com²

UNILAB, Palmares, Discente, waitasanca67@gmail.com³

UNILAB, AURORAS, Docente, caolcosta@gmail.com⁴



Nos Olhos
Do Mundo
XI SEMANA
UNIVERSITÁRIA

**Diversidade,
Inclusão e
Transformação Social**

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O conceito de estética negra é aqui compreendido para além do campo do visual ou do belo, sendo ressignificado como território de disputa simbólica, política e identitária. O projeto parte da compreensão de que as estéticas negras não podem ser reduzidas à dimensão ornamental. No contexto africano, elementos como as tranças, os turbantes e os adornos corporais cumprem funções que transcendem o estético, atuando como marcas de pertencimento étnico, expressões religiosas, signos de maturidade e meios de comunicação entre gerações. Como observa Achille Mbembe (2014), a experiência da modernidade negra é forjada na interseção entre memória, corporeidade e resistência, o que confere às práticas estéticas um papel fundamental na afirmação de subjetividades negras diante da violência colonial e racial. Tranças, turbantes, cabelos crespos, indumentárias e adornos corporais constituem linguagens históricas, culturais e políticas por meio das quais sujeitos e comunidades negras expressam pertencimentos, ancestralidades, memórias e formas de resistência. Em sociedades marcadas pela colonialidade e pela imposição de padrões eurocêntricos de beleza, o corpo negro e, particularmente, o cabelo negro foram historicamente submetidos a processos de estigmatização, inferiorização e silenciamento.

No contexto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), voltada para a integração entre o Brasil e os países africanos de língua portuguesa, o projeto de extensão “Estéticas africanas em cena: tranças, turbantes e modos de ser como expressões de identidades africanas e afro-brasileiras” integra as comemorações dos dez anos do projeto Vozes d’África, concentrando-se no eixo de tranças e turbantes. Seu objetivo é analisar e valorizar as estéticas afrodescendentes, com ênfase nas tranças, e turbantes e nos adornos corporais, compreendendo-os como expressões de resistência, identidade, memória e ancestralidade, articulando-se à educação e à produção de saberes. Ao aproximar estudantes africanos, brasileiros e timorenses, docentes, técnicos e comunidades do Maciço de Baturité, o projeto reforça a vocação intercultural da UNILAB. Entre as principais atividades, destaca-se a vivência e a difusão das estéticas africana e afro-brasileira. A proposta assume uma abordagem educativa, estética e política por meio de oficinas, rodas de conversas e vivências que articulem saberes tradicionais e acadêmicos, alcançando escolas públicas, comunidades periféricas e a universidade. Conforme Monteiro (2008), o cabelo negro constitui importante elemento na construção da identidade, articulando memória, pertencimento étnico e ancestralidade. Trançar, amarrar turbantes, cuidar do cabelo crespo e compartilhar os conhecimentos associados a essas práticas são, portanto, experiências que ultrapassam a estética e assumem dimensões educativas, culturais, políticas e identitárias.

Outro aspecto importante consiste no intercâmbio entre estudantes de diferentes nacionalidades presentes na UNILAB, (Guiné-Bissau, Timor-Leste, Angola, Moçambique, São Tomé-Príncipe, Cabo-Verde), trançadeiras, agentes culturais e integrantes das comunidades participantes. Esse encontro possibilitou transformar o espaço universitário em território privilegiado de circulação e intercâmbio de saberes sobre as múltiplas formas de trançar, adornar e significar os corpos nas sociedades africanas e afro-diaspóricas.

METODOLOGIA

METODOLOGIA

A ação adota uma abordagem participativa, qualitativa e extensionista, articulando ensino, pesquisa e extensão. A metodologia baseia-se na experiência prática de participação em oficinas de tranças e apresentações de turbantes, bem como forma de amarração tradicionais como elementos de afirmação

identitária.

As atividades são organizadas em oficinas práticas (com carga horária prevista de 20 horas por oficina). A dimensão teórica é desenvolvida através de palestra com docentes convidados, enquanto a dimensão prática é conduzida por monitores e estudantes vinculados à equipe, privilegiando a aprendizagem corporal, o trabalho em grupo e a socialização dos conhecimentos, além de apresentações artísticas dentro e fora da UNILAB.

O acompanhamento envolve reuniões periódicas de planejamento e avaliação, com exigência de frequência mínima de 75% para aprovação nas formações. Em etapa de multiplicação, os estudantes formados atuam em oficinas destinadas às comunidades do Maciço de Baturité (Redenção, Acarape e Aracoiaba), atingindo um público estimado de até 363 participantes (estudantes africanos, brasileiros, timorenses, docentes, técnicos e comunidade escolar local).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de um projeto com execução contínua ao longo de 2026, os resultados articulam as vivências práticas observadas na realização de oficinas e palestras sobre tranças e turbantes, com os impactos esperados da ação extensionista. A partir das apresentações, observou-se o fortalecimento do sentimento de pertencimento cultural tanto dos estudantes internacionais quanto dos nacionais. As oficinas, possibilitam a transmissão de conhecimentos sobre a ancestralidade e a história do cabelo, permitindo que a trança, ao ser praticada na diáspora, ultrapasse o espaço de origem e passe a integrar as experiências acadêmicas e culturais na UNILAB. Nesse sentido, a prática de tranças e turbantes não se limita à reprodução, mas envolve processos de aprendizagem, memória e construção coletiva de significados

Essa experiência pode ser relacionada às contribuições de Gomes (2019), o cabelo crespo e o corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. No contexto do projeto, as oficinas constituem um dos principais espaços de articulação entre teoria e prática, atividades sobre diferentes modalidades de tranças, entre elas trança nagô, box braids, bantu knots e twists, bem como técnicas de amarração de turbantes. Mais do que ensinar procedimentos técnicos, as oficinas contextualizam os significados históricos, culturais, identitários e, quando pertinentes, religiosos relacionados a essas práticas.

As vivências ocorreram em escolas públicas do Maciço do Baturité, promovendo trocas intergeracionais e interculturais, em consonância com a proposta de educação libertadora e intercultural. As oficinas foram documentadas com enfoque reflexivo, buscando identificar suas contribuições para a reconstrução da autoestima, da identidade e da memória coletiva dos participantes. As ações realizadas e previstas pelo projeto visam ao fortalecimento das identidades negras e africanas, para a valorização das estéticas afro-diaspóricas e para a ampliação do diálogo entre universidade, escolas, comunidades e agentes culturais.

Observou-se, assim, que a criação de espaços de interculturalidade é fundamental para a participação de estudantes brasileiros, africanos e de outras nacionalidades nas atividades relacionadas às tranças e turbantes, possibilitando o contato entre diferentes formas de conhecimento e expressão cultural. Dessa maneira, a trança e os turbantes ultrapassam a dimensão do entretenimento e passam a funcionar como instrumento de educação, comunicação e valorização da diversidade cultural. A vivência extensionista permite ainda compreender que a cultura não constitui um conhecimento separado da formação acadêmica. Pelo contrário, a prática das tranças cria possibilidades para que conhecimentos produzidos e transmitidos por meio da oralidade, da indumentária e da experiência comunitária sejam reconhecidos como formas

legítimas de conhecimento. Nesse aspecto, a extensão universitária contribui para aproximar os saberes acadêmicos dos saberes culturais trazidos pelos próprios estudantes, fortalecendo a proposta intercultural da UNILAB. Assim, os resultados observados até o momento indicam que o projeto Vozes d’África – Eixo de tranças e turbantes, contribui para a valorização das manifestações culturais africanas e para a construção de espaços de diálogo entre diferentes comunidades.

Apoio Financeiro: Pibeac;

Grandes áreas do CNPq: extensão, arte e cultura.

Em que medida meu trabalho contribui para “Diversidade, Inclusão e Transformação Social”? Meu trabalho contribui para a Diversidade, Inclusão e Transformação Social ao conectar a universidade, escolas e comunidades do Maciço de Baturité, fomentando o diálogo intercultural entre estudantes, Brasileiros, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Angola, Moçambique, São Tomé-Príncipe, Cabo-Verde, ao resgatar na teoria e na prática as tranças, turbantes e adornos corporais como expressões de identidade, memória e ancestralidade, combato o racismo estético e os padrões eurocêntricos de beleza, fortalecendo a autoestima e o pertencimento negro, e gero impacto social ao democratizar a cultura e reconhecer a oralidade, o corpo e a ancestralidade como formas legítimas de conhecimento e resistência política.

CONCLUSÕES

CONCLUSÕES

O projeto evidenciou que tranças, turbantes, cabelos e adornos corporais constituem importantes arquivos de memória, ancestralidade e pertencimento. Ao inseri-los no espaço acadêmico e extensionista como objetos e, sobretudo, como práticas produtoras de conhecimento, o projeto questiona hierarquias epistemológicas e amplia as possibilidades de construção de uma educação decolonial e antirracista.

A experiência ainda a importância da extensão universitária como espaço de encontro entre diferentes sujeitos, gerações, nacionalidades e formas de conhecimento. As oficinas, vivências e rodas de conversa não se limitam à transmissão de técnicas: constituem momentos de escuta, aprendizagem, reconhecimento e reconstrução de narrativas sobre os corpos e as identidades negras.

Assim, as atividades realizadas contribuem para fortalecer a formação discente, aproximar universidade e sociedades, promover a interculturalidade, enfrentar o racismo estético e reconhecer as práticas culturais africanas e afro-brasileiras como patrimônios vivos e formas legítimas de produção de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTO

O Programa de Bolsa de Extensão Arte e Cultura (PIBEAC), pela concessão da bolsa e à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) pelo apoio ao desenvolvimento da pesquisa

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. O processo de construção da identidade negra em Teresina: o caso do

Grupo Afro-Cultural Coisa de Nêgo. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008